

COMO ENSINAR MALABARISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SEM DOMINAR SUAS TÉCNICAS: UMA PROPOSTA

TEACHING JUGGLING AT SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A LESSON PROPOSAL

Eduardo de Freitas Azevedo¹, Felipe Cirino Campos¹, Sandy Suellen Tertuliano Elias¹, Roberto Rocha Costa^{1 e 2}

¹ Univap – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos-SP

² UniFUNVIC Centro Universitário - Funvic, Pindamonhangaba-SP

*Correspondência: prof.betocosta@gmail.com

Resumo

O circo faz parte da cultura humana, principalmente da cultura artística-corporal, e tem o direito de fazer parte do conteúdo escolar, uma vez que a escola é um dos principais meios de transmissão de cultura. O malabarismo, por exemplo, é uma arte que pode ser executada em qualquer espaço e com o uso de qualquer objeto, seus movimentos trazem diversão e entretenimento tanto a quem faz quanto a quem assiste. Ainda assim as atividades circenses, entre elas o malabarismo, não parecem ser comuns nas aulas de Educação Física Escolar. Um dos prováveis motivos para isso é a falta de habilidades específicas para demonstrar para os alunos como fazer, como tradicionalmente se ensina conteúdos da Educação Física. Mas como ensinar dessa forma se o professor não domina os movimentos? O objetivo desse ensaio é apresentar uma proposta de aula de malabarismo, para professores que não dominam as técnicas dessa arte. Nessa proposta de aula o professor tem o papel de mediador, provocando os alunos através de desafios a fim de que eles possam autonomamente resolvê-los, a aula também valoriza a diversidade nos movimentos dos alunos acima de uma técnica específica. Além disso a aula está organizada do jogo para as partes, com adaptação de regras, materiais e espaços, provocando os alunos a resolverem problemas e valorizando seus conhecimentos. Assim é possível que professores que não dominam os movimentos específicos consigam dar aula de malabarismo na Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Malabarismo

Abstract

The circus is part of human culture and has the right to be part of the school content, since the school is one of the main means of transmitting culture. Juggling can be performed anywhere and with the use of any object, its movements bring fun and entertainment to those who execute and for those who watch. Even so, juggling, don't seem to be common in Physical Education classes. One of the probable reasons for this is the lack of specific skills to demonstrate to students how to do, as traditionally the classes are made. But how to teach if the teacher does not master the movements? The purpose of this essay is to present a proposal for a juggling class, for teachers who don't master its techniques. In this class proposal, the teacher will be a provocative mediator, leading students through challenges so that they can autonomously solve them, the class also values the diversity of students' movements above a specific technique. In addition, the class is organized based on game to develop the parties, using: rules, materials and spaces adaptation, causing students to solve problems and valuing their knowledge. Thus, it's possible that teachers who don't master specific movements are able to teach juggling classes in Physical Education.

Keywords: Physical Education. Juggling.

INTRODUÇÃO

Em uma notícia publicada no dia 27/03/2019 pelo site G1, oito escolas públicas da capital Macapá levaram seus alunos para comemorar o dia do circo em um picadeiro no estacionamento do sambódromo, localizado na zona sul da capital. Muitos dos visitantes tiveram seu primeiro contato com malabaristas, globo da morte, palhaços, trapezistas e acrobatas, ficaram maravilhados com o espetáculo possibilitado pelo circo (VIDIGAL, 2019). O circo possui uma tradição rica e singular, suas atrações e números são passados de geração em geração. Ainda assim está se tornando cada vez mais difícil para as crianças terem contato com o circo, um dos fatores é a falta de tempo de alguns pais que trabalham muito e acabam não tendo tempo livre para levarem seus filhos ao circo e desfrutar dessa arte, outro fator decisivo é a crise instaurada no país que segundo um relato divulgado no site da BBC Brasil os circos menores sem muitos recursos estão sofrendo para continuarem com seus espetáculos, a falta de renovação nos atos e os custos com a manutenção do circo juntamente com a queda na venda de ingressos acaba resultando em um fechamento de suas portas, diminuindo assim a quantidade de circos no Brasil (BELLA; CHRIST, 2017).

As duas reportagens acima nos indicam que o circo e o malabarismo, mais especificamente, estão perdendo espaço e sendo esquecidos, deixados de lado, marginalizados, mesmo sendo impactantes e envolventes. O circo faz parte da cultura humana, principalmente da cultura artística-corporal, e tem o direito de fazer parte do conteúdo escolar, uma vez que a escola é um dos principais meios de transmissão de cultura. O malabarismo, por exemplo, é uma arte que pode ser executada em qualquer espaço e com o uso de qualquer objeto, seus movimentos trazem diversão e entretenimento tanto a quem faz quanto a quem assiste, portanto chega a ser impressionante que boa parte das crianças, não somente na cidade de Macapá mas em diversas cidades do Brasil, não conheçam nem mesmo uma pequena parte do espetáculo circense.

As atividades circenses, entre elas o malabarismo, não parecem ser comuns nas aulas de Educação Física Escolar. Um provável empecilho para a realização de aulas com esse tema é que muitos dos professores não sabem realizar o malabarismo. Tradicionalmente as aulas de Educação Física são centradas no professor e centradas na técnica/execução de movimentos (PERES et al, 2014), fazendo com que o professor seja o exemplo a ser imitado pelos alunos durante a aula, assim ele deve demonstrar o movimento para que as crianças possam vê-lo e replicá-lo, esse método inviabiliza aos professores que não sabem executar o movimento a ensinar conteúdos que não sejam de seu domínio (SCAGLIA, REVERDITO, GALATTI, 2014).

Aulas fundamentadas em propostas como essa, baseadas somente no conhecimento do professor, podem limitar o aprendizado do aluno, já que assuntos que o professor não domina, provavelmente não serão abordados, ao mesmo tempo corre o risco de ignorar o conhecimento prévio (que não precisa ser a execução do movimento, mas um conhecimento de determinada cultura) dos alunos sobre diversos assuntos. Mas como ensinar dessa forma se o professor não domina os movimentos? Vale considerar que nenhum dos autores dessa proposta domina minimamente as habilidades do malabarismo.

Novas abordagens de ensino propõem meios para a realização da aula com uma abordagem mais tática e não necessariamente técnica, que não exija do professor a habilidade de um malabarista, mas sim o conhecimento para colocar desafios e problemas para seus alunos, afim de que eles possam resolvê-los autonomamente, sendo a solução encontrada para esses empecilhos o movimento do malabarismo que varia de aluno para aluno, respeitando a individualidade de cada um, a solução para essa problemática parte dos próprios alunos, deste modo ao invés do foco ser o movimento técnico somente, os alunos aprendem a resolver situações em grupo formando indivíduos mais independentes (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014; SCAGLIA; REVERDITO, 2016).

Um estudo sobre a dificuldade do professor de Educação Física de dar aulas de lutas, indica que a formação baseada na execução das técnicas e a falta de experiência na modalidade é uma das barreiras para ensinar conteúdos que não dominam em suas aulas (DE MATOS et al, 2015). Esse mesmo estudo indica que conteúdos como as lutas (e no nosso caso o malabarismo) aulas baseadas em novas propostas, que permitam o ensino da cultura, se afastando das técnicas específicas favorecem essa aproximação.

Segundo Querobin e Pereira (2017) o malabarismo pode ser também uma boa alternativa para ser trabalhada durante as aulas de Educação Física Escolar, já que além de trabalhar diversos aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo, social e psicológico, ele também pode ser realizado por qualquer um, uma vez que não dispõe de um talento especial para sua realização, apenas a prática de sua arte. O malabarismo pode ser praticado com quase qualquer tipo de material tornando o seu exercício inovador e rico em possibilidades. Já Takamori *et al* (2010) em seu projeto social para crianças carentes na cidade de Mauá, as atividades circenses foram apresentadas com o intuito de proporcionar a diversidade cultural,

socialização por meio da ludicidade, inclusão, expressão corporal, criatividade e autonomia, desta forma notam-se os benefícios presentes nesses tipos de atividade.

Conforme Betti e Zuliani (2002) a Educação Física vai muito além de melhorar a qualidade de vida e lazer ou ensinar movimentos específicos, ela deve assumir o papel de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, desenvolvendo um cidadão crítico. Assim se faz necessário que haja uma variação maior nos conteúdos apresentados nas aulas de Educação Física Escolar, sendo que com a diversidade de temas nas aulas o professor abre para o aluno novas possibilidades.

Entendemos que seja necessário discutir a possibilidade de ensino de conteúdos não convencionais e de atividades não usuais e pouco praticadas no contexto escolar. Este ensaio propositivo está baseado nas possibilidades que a Educação Física Escolar proporciona, nas discussões sobre o ensino de conhecimentos do circo, entre eles o malabarismo. Dessa forma utilizando de sólida sustentação teórica para construir uma proposta de uma aula de malabarismo na Educação Física Escolar, se baseando no ensino através de desafios e problemas para que os alunos de maneira autônoma possam resolvê-los e como resultado conhecer mais sobre essa rica cultura e realizar o movimentos específicos respeitando suas individualidades e limitações.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Por muito tempo a Educação Física tinha o intuito de preparar o indivíduo para a guerra, higiene (e eugenia) do corpo, disciplinar o corpo para o trabalho braçal, recreação, atividade social e preparação para competições tais como as olimpíadas, mas foi apenas nos anos 80 que foram travados debates sobre a educação no país, isso transformou a Educação Física em uma área influenciadora no modo de agir e pensar de uma sociedade, não mais como um mero coadjuvante na sociedade. Nesta época surgem novas propostas para revolucioná-la na perspectiva de desenvolvê-la voltada para o ser humano como um todo, não somente os mais habilidosos e atletas, se desconectando dessa visão na qual a Educação Física é voltada para o descobrimento e formação de atletas para competições (CASTELLANI FILHO, 1988; DUPRAT, 2004).

Um dos principais autores e transformadores da Educação Física nessa época foi o pesquisador Lino Castellani Filho, que em seu livro “Educação Física no Brasil: A história que não se conta”, olha para o passado da Educação Física no Brasil para entendê-lo e assim transformar a realidade no cenário educacional brasileiro, fazendo críticas no modo em que a Educação Física era utilizada nas escolas com o intuito de provocar mudanças neste campo. Para ele a Educação Física se adapta conforme sua sociedade e seu período histórico, portanto a Educação Física vive uma constante adaptação, já que ela passa por inúmeras transformações ao longo do tempo (CASTELLANI, 1988).

Matos *et al* (2015) concluem que há pelo menos 3 décadas que as lutas assim como as atividades circenses, danças e outros conteúdos são discutidos e aprovados para fazerem parte do conteúdo escolar, e mesmo fazendo parte da cultura e de diferentes momentos históricos da humanidade eles não são apresentados no ambiente escolar, suas ausências sugerem uma má formação de professores dessa área. Segundo os autores esta formação precária propõe uma ênfase em atividades teóricas ou em modalidades específicas com foco na técnica. Isso oferece a eles o pensamento de que para abordar esse tipos de conteúdo é necessário experiência como a de um praticante nestas áreas, portanto eles não sabem como abordar esses temas em suas aulas.

No livro intitulado: “Da cultura do corpo”, obra amparada na antropologia social, Daólio (1994) visa o ser humano como pertencente a uma cultura, com características específicas, nem boas, nem ruins, nem certas ou erradas, mas diferentes. Nessa obra o autor faz uma forte crítica ao modelo de escola que tenta criar um indivíduo intelectual, moral e fisicamente melhor para assim conquistar eficiência no sistema capitalista, com um foco na técnica do movimento. O problema nesse tipo de formação está no objetivo da Educação Física Escolar. O ensino tradicional é tecnicista e tem um tipo de treinamento com foco na repetição de uma técnica padronizada e descontextualizada, pelo desejo de uma classe específica de alunos pelo destaque da melhor aptidão física. O papel da Educação Física tecnicista é transformar o aluno em uma máquina, desconsiderando a cultura em que o aluno está inserido e suas vontades pessoais. Seguindo essa linha de raciocínio o modo de se realizar um movimento é a partir de um movimento já padronizado e tido como perfeito, enquanto outras formas são tidas como errôneas, incompletas ou versões menos desejáveis (DAÓLIO, 1994).

Por outro lado o corpo pode ser entendido como a base da aprendizagem e seus movimentos são influenciados pelo meio em que vivem, portanto o corpo humano é biológico e sociocultural, deste modo nascemos animais incompletos e nos completamos através do contato com a cultura, ou seja, todo ser humano mesmo que inconscientemente desse processo carrega consigo especificidades culturais de sua sociedade. Essa abordagem valoriza a diversidade nos movimentos dos alunos acima de uma técnica a qual

os alunos devem replicar, o movimento é considerado então como uma expressão corporal que revela a cultura do aluno (DAÓLIO, 1994). Já no livro: “Educação de corpo inteiro”, estribado na abordagem construtivista de Piaget e Vygotsky, o aprendizado não ocorre de forma passiva, portanto o professor tem o papel de mediador no meio escolar. Para um aprendizado de qualidade é necessário um desenvolvimento global do indivíduo, nos aspectos cognitivos, sociais e afetivos do aluno, ou seja, mente e corpo estão diretamente ligados um ao outro. É papel da escola formar um cidadão autônomo e crítico de sua sociedade (FREIRE, 1989).

Faz-se necessário então que a Educação Física Escolar trabalhe exercícios para o corpo e mente, focada no desenvolvimento do corpo juntamente com trabalhos cooperativos, inclusão dos alunos independente de suas características, habilidades e diferenças, trabalhar o raciocínio lógico e outros aspectos cognitivos, tudo isso com a finalidade de formar futuros indivíduos autônomos com o poder de controlar o seu ambiente, respeitando as diferentes culturas e formas de aprender. Essa formação autônoma dos indivíduos que respeita a cultura de cada um não é oposta nem é também um empecilho ao desenvolvimento de habilidades motoras e técnicas complexas, como as do malabarismo, por exemplo.

Segundo Daólio (2008) a técnica ao longo do tempo foi sendo padronizada pela ciência, tirando sua singularidade, para ensinar a técnica ela primeiro deveria ser fracionada para que fosse possível sua reprodução. Isso acaba limitando a visão dos praticantes que não se preocupam no “porque fazer?” e sim no “como fazer?”, um atleta de futebol que saiba finalizar a meta de maneira tecnicamente perfeita pode não ser o suficiente para resolver as demandas da partida, uma vez que inúmeros fatores estão envolvidos dentro desta partida, pode-se ter um companheiro melhor posicionado para fazer o arremate, um bom marcador a sua frente, o passe anterior ao chute pode ser ruim, são inúmeras situações e condições que influenciam no desenrolar de um jogo e somente o conhecimento da técnica não vai ajudá-lo. Há de se ensinar as técnicas de modo que o aluno enxergue a razão por traz do que ele está fazendo, assim ele poderá encontrar e adaptar o movimento para seu perfil.

MALABARISMO

O entretenimento sempre fez parte das sociedades, foi se desenvolvendo e permeando a vida dos mais diferentes povos, baseando-se no desconhecido, mitos, crenças e fantasias sempre fizeram parte do circo, a busca pelo encantamento e fuga do mundo real. Nos séculos XVIII e XIX que o circo adotou uma identidade própria, denominado como circo tradicional ou circo moderno que possuía um rigor e estrutura militar com espaços físicos fixos como anfiteatros e teatros. Porém em muitos casos essas apresentações não tinham espaços adequados, tendo o ar livre como palco, com isso foi gerada uma necessidade para a construção de uma arena coberta por lonas, cavas ou tendas que com o tempo ganham espaço em todo o mundo, surgem aqui os grandes circos, com um núcleo familiar que se desloca de cidade a cidade. Esse estilo de vida segue até hoje e contribui para uma preservação do estilo único de vida circense, mantendo os conhecimentos dessa arte nas mãos de poucas famílias que dividem entre si seu bem mais precioso seu produto artístico (DUPRAT; BORTOLETO, 2007).

Para Duprat (2004) o circo mexe com as emoções dos espectadores em diferentes aspectos, seja pela vontade de gritar com os números perigosos onde um corpo é suspenso somente pela força dos artistas e que podem vir ao chão a qualquer instante, apreensão e curiosidade ao ver artistas entrando no globo da morte, ou mesmo o alívio e satisfação quando um número é executado com perfeição. O circo hoje é uma enorme mistura de culturas e tradições de diferentes povos e épocas, é uma arte milenar influenciada pelas sociedades ao longo do tempo, recebendo as mais diferentes tendências e por isso possui um vínculo muito forte com a sociedade e povo que dela fazem parte. O circo também é um ambiente familiar, de união e muita tradição, esse estilo de vida peculiar tem base na educação de geração para geração e serve como uma espécie de escola para as famílias que vivem dentro desse ambiente, ali são ensinados os truques, práticas, técnicas, preparações dos números, como armar e desmontar o circo, conteúdos escolares, entre tantos outros aprendizados. Graças a esse estilo de vida particular que o circo garante até hoje sua sobrevivência (DUPRAT, 2004).

O circo é parte indispensável da cultura humana, especialmente para a cultura “Artística-corporal”, seguindo esta linha raciocínio ele faz parte do universo escolar, já que a escola é um dos principais meios de transmissão de cultura. A Educação Física tem como objetivo a cultura corporal de movimento, logo é papel dos professores desta área do conhecimento considerarem ao menos uma parte do universo circense para suas aulas (DUPRAT, 2004).

O malabarismo, assim como outras modalidades circenses instruídas nas aulas de Educação Física contribuem para o desenvolvimento de diversas competências, Duprat e Bortoleto (2007) concordam que o

ensino de jogos circenses desperta a criatividade, a cooperação, a interação entre culturas, a expressão corporal, habilidades e capacidades dos alunos, favorecendo também a formação humana. Entendem que é função da Educação Física Escolar promover a relação entre a cultura corporal presente no circo e os alunos, realçando características expressivas, criativas e lúdicas. Dessa forma as modalidades em que se utilizam materiais pequenos são mais acessíveis para a aplicação dentro do ambiente escolar (DUPRAT; BORTOLETO, 2007). O malabarismo, por permitir o uso de materiais variados que podem ser de pequeno porte, baixo custo para adquirir ou fáceis de produzir, é então uma modalidade circense propícia para a aplicação nas aulas de Educação Física.

PROPOSTA DE AULA

Essa proposta de aula tem os anos finais do ensino fundamental (dos 6º a 9º anos) como foco. Essa proposta está baseada principalmente nas obras “Da cultura do corpo” de Daólio (1994) e “Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física” de Freire (1989). Nessa aula o professor tem o papel de mediador, provocando e direcionando seus alunos através de desafios com objetivos preestabelecidos, a fim de que eles possam autonomamente resolvê-los, e como resultado disso conhecer mais sobre e executar movimentos simples do malabarismo. Da mesma maneira foram considerados os aspectos cognitivos, sociais e afetivos do aluno, como um aluno de “corpo inteiro” (FREIRE, 1989), dessa forma a escola pode influenciar na formação de um cidadão autônomo e crítico de sua sociedade. Essa abordagem de aula também valoriza a diversidade nos movimentos dos alunos acima de uma técnica específica, os movimentos serão considerados como formas de expressão corporal, que revela a cultura do aluno, com características específicas, nem boas, nem ruins, nem certas ou erradas, mas diferentes, respeitando a cultura de cada um e trazendo essa cultura para o ambiente escolar.

Metodológica e didaticamente a aula foi proposta a partir de princípios interacionistas, que segundo Hiram et al (2014) tem o aluno como foco do processo, busca ensinar mais que o conteúdo específico da aula, envolve todos os alunos independente de seu nível de conhecimento ou habilidade. Os autores indicam também 4 princípios comuns à propostas interacionistas, que nos ajudaram a pensar na dinâmica da aula:

- a) Atividades organizadas do jogo para as partes: o grande desafio é o malabarismo, a lógica desse jogo é manipular objetos sem deixar cair, as técnicas (partes) surgirão a partir do jogo/malabarismo;
- b) Adaptação de materiais, regras e espaços: nenhum material é oficial, quanto maior a diversidade de materiais melhor para a variedade de experiências que o aluno viverá; nenhum espaço é errado, diferentes espaços trarão diferentes problemas; as regras são as necessárias para que o aluno aprenda, e não as de uma apresentação espetacular;
- c) Estímulos através de resolução de problemas: o professor será o mediador do processo, ao propor o jogo e com ele seus problemas (manipular objetos sem deixá-los cair), sem demonstrar, sem determinar como os alunos devam manipular os objetos, a medida que os desafios ficam fáceis, sua função é aumentar o desafio, se está difícil, deve simplificar o desafio, para que esteja sempre adequado às possibilidades dos alunos.
- d) Valorização dos conhecimentos do aluno: tanto os conhecimentos culturais, teóricos, mas também suas habilidades. O conhecimento do aluno é o ponto de partida para novos conhecimentos. Reconhecer o que o aluno já sabe e desafiá-lo a ir mais longe, fazer mais e/ou melhor, ampliando assim o conhecimento do aluno, independentemente do que o professor saiba, ou não, executar.

A aula segue a proposta de estrutura de aula conforme Freire (2006) e Freire e Scaglia (2009) que indicam a necessidade de momentos de prática, mas também momentos de discussão e reflexão, dessa maneira considerando tanto os aspectos motores, mas também cognitivos, sociais e afetivo/emocionais dos alunos.

Quadro 1: estrutura da aula.

Parte da aula	Atividade	Referencial teórico
*Antes da aula (aula anterior)	Preparação dos alunos e materiais.	(DAÓLIO, 1994; HIRAMA et al, 2014)
Início da aula	Roda de conversa.	(DAÓLIO, 1994; FREIRE, 1989)
Primeira atividade	Lançar e recuperar o objeto sem deixar cair.	(HIRAMA et al, 2014).

Segunda atividade	Lançar e recuperar objetos sem deixar cair, em duplas.	(DAÓLIO, 1994; FREIRE, 1989; HIRAMA et al, 2014)
Terceira atividade	Aumentar a quantidade de objetos no jogo.	(FREIRE, 1989; HIRAMA et al, 2014)
Quarta atividade	Agrupamentos maiores.	(DAÓLIO, 1994; FREIRE, 1989; HIRAMA et al, 2014)
Atividade final	Roda de conversa.	(DAÓLIO, 1994; FREIRE, 1989)

Antes da aula

Em uma aula anterior, ou na semana anterior à aula de malabarismo, o professor deve solicitar aos alunos que levem um objeto não muito grande, que não quebre ou machuque outro colega, mas que possua algum valor sentimental para eles. Dessa maneira esperamos que a aula seja mais significativa para o aluno e para que a cultura de cada aluno seja valorizada. O professor também ficará encarregado de levar objetos como bolas de diferentes tamanhos, bambolês, coletes, entre outros objetos quaisquer, para que caso algum aluno não tenha levado, não seja excluído das atividades e para que possam explorar a manipulação de objetos de diferentes formatos e pesos. Assim como os objetos dos alunos, esses não devem ser muito grandes, ou possam quebrar ou machucar alguém.

Início da aula

A aula poderá ser realizada em qualquer ambiente, dentro da sala de aula, em uma quadra, ou pátio, ou ainda ao ar livre, perto de árvores. Talvez, um espaço reservado dê para os alunos mais segurança, pois é possível que erros aconteçam e provavelmente, não ficar exposto para outras turmas evite comentários externos. No início da aula é proposta uma roda de conversa que deverá abordar o que é o malabarismo, mas também o que os alunos sabem sobre o assunto e uma breve apresentação dos objetos trazidos. As crianças devem ser provocadas a contar se já foram a algum circo, se já viram o malabarismo ser praticado em outro espaço ou se já praticaram. Nessa apresentação os alunos falarão brevemente da importância do objeto que trouxeram em suas vidas, dessa forma eles trazem um pouco da cultura de cada um deles para a aula. Logo após essa conversa serão propostos alguns desafios para os alunos.

Primeira atividade

Nessa primeira atividade, os alunos serão provocados a lançar o objeto para cima e recuperá-los sem que o objeto toque no chão, os que não quiserem utilizar seu objeto nesses desafios podem usar outro, que o professor tenha trazido. Será incentivado também a exploração de diferentes objetos, trocando com os amigos e/ou pegar outro entre os que o professor levou para a aula.

Segunda atividade

Nessa atividade, os alunos farão o mesmo desafio anterior, mas agora em duplas, lançando e o objeto um para o outro. Ao longo dessa atividade, os alunos serão provocados a trocar de duplas. Essa forma de interação social tem o potencial de promover além de uma maior diversidade de movimentos, por manipular objetos de tamanhos, formas e pesos diferentes, mas de trocar conhecimentos e soluções com diferentes pessoas. Todas as atividades serão propostas em um ambiente de jogo, em que não deixar o objeto cair seja o grande desafio.

Terceira atividade

Conforme os alunos forem se acostumando a lançar e recuperar os objetos sem deixá-los cair no chão o professor lançará um novo desafio, tentar lançar e recuperar o maior número de objetos possíveis sem deixá-los cair no chão, porém caso um dos objetos toque o chão eles recomeçarão com apenas 1 objeto em mãos e gradativamente vão inserindo mais objetos novamente.

Quarta atividade

Por fim os alunos se agruparão livremente (em duplas, trios ou grupos maiores) e farão o lançamento e recuperação entre si, novamente com o objetivo de não deixarem nenhum dos objetos tocarem o solo, trabalhando assim a cooperação e socialização entre os integrantes da turma.

Atividade final

Ao final da aula os alunos devem se reunir em nova roda de conversa, para serem provocados a falar sobre o que aprenderam na aula. Quais foram suas dificuldades, quais eram os problemas e como foram resolvidos, como eles encontraram a solução. Na conclusão da aula o professor deve valorizar que o que eles fizeram foi malabarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade do ensino e da prática do malabarismo na Educação Física Escolar é viável tendo em vista as possibilidades que apresentadas: o fato de não ser necessário que o professor domine as técnicas para ser imitado pelos alunos, nem que a escola compre materiais específicos e considerando que sua prática pode ser executada nos mais diversos ambientes, nos dá essa convicção.

O malabarismo tem muito a oferecer se for explorado adequadamente, essa arte pode oferecer muito mais do que apenas entretenimento. A inclusão da prática do malabarismo na Educação Física Escolar possibilita aos alunos conhecerem atividades diferentes das comumente já praticadas, trazendo benefícios como, novas habilidades, mas também socialização, criatividade e autonomia por meio da ludicidade além de diversão e conhecimento cultural.

A demanda por aulas de Educação Física que abordem conteúdos que os professores não sejam especialistas existe. Nesse caso, estudamos o malabarismo, mas outros estudos, com outros possíveis conteúdos são necessários. Assim como a necessidade de experimentação de propostas que permitam não somente a aplicação, mas a reflexão sobre a práxis do professor em ambiente de ensino. A realização dessa aula, na realidade da Educação Física Escolar, deve ser a próxima etapa, para assim testá-la e aprimorá-la.

REFERÊNCIAS

BELLA, G; CHRIST, G. **A luta dos circos brasileiros pela sobrevivência**. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39013676>>. Acesso em: 14 abr. 2019

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Universidade Estadual Paulista - Campus Bauru, Ano I, n I, p. 73-81, 2002. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/viewFile/1363/1065>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 15. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

DAOLIO, J. A técnica esportiva como construção cultural: Implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, v. 11, n 1, p. 9-16, jan./jul. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1794/3614>>. Acesso em: 29/09/2019

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DE MATOS, J. A. B. et al. A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015.

DUPRAT, R. M. **A arte circense como conteúdo da educação física**. Relatório Final (Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000333209>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

- DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física Escolar pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n 2, 2007. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/63>>. Acesso em: 16 mai. 2019.
- FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. 4.ed. Campinas, Editora Scipione, 2002.
- FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- HIRAMA, L. K. et al. Propostas internacionalistas em pedagogia do esporte: aproximações e características. **Conexões**, Campinas, v. 12, n. 4, p. 51-68, out./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/1672/pdf_22> Acesso em: 04 out. 2019.
- MATOS, J. A. B. et al. A presença/ausência do conteúdo de lutas na Educação Física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 117-135, abr./jun. 2015.
- PERES, Cristiane Martins et al. Abordagens pedagógicas e sua relação com as teorias de aprendizagem. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 47, n. 3, p. 249-255, 2014.
- QUEROBIN, C. A. R.; PEREIRA, D. W. Metodologia de ensino do malabarismo nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, 2017. Disponível em: <<https://www.rebescolar.com/Conpefe/METODOLOGIA-DE-ENSINO-DO-MALABARISMO--NAS-AULAS-DE-EDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%8DICA-ESCOLAR>>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. In: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. (org). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, p. 43-72, 2016.
- SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. (org). **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UDESC, p. 45-86, 2014.
- TAKAMORI, F. S. et al. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/6729/6671>>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- VIDIGAL, V. **No dia do circo, crianças de escolas públicas conhecem atrações pela 1ª vez**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2019/03/27dia-do-circo-leva-criancas-de-escolas-publicas-para-conhecer-atracoes-pela-1a-vez.ghtml>>. Acesso em: 27 mar. 2019.